



Recebido em: 28/10/2015

Aceito em: 16/11/2015

TEOLOGIA FEMINISTA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO FENÔMENO RELIGIOSO EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Ana Ester Pádua Freire¹

PUC-Minas

<http://lattes.cnpq.br/2978981162337097>

Resumo:

O estudo do fenômeno religioso, em uma perspectiva feminista, intenta desconstruir o instrumental teórico positivista em busca da revisão das posições de poder, conteúdos e simbologias que excluíram ou diminuíram as mulheres no mundo da ciência. Além disso, propõe a superação dos dualismos e das hierarquias patriarcais, buscando novas abordagens teóricas e metodológicas para as novas perguntas e temáticas que surgem a partir do mundo da vida e da experiência religiosa das mulheres. O objetivo deste artigo é identificar na Teologia Feminista os fundamentos da hermenêutica feminista em uma perspectiva teológica, no intuito de se levantar uma metodologia de interpretação das religiões.

Palavras-chave: Epistemologia Feminista, Gênero, Hermenêutica Feminista, Teologia Feminista.

Abstract:

The religious phenomenon research, in a feminist perspective, attempts to deconstruct positivistic theoretical tools in search for a revision of positions of

¹ Mestre em Ciências da Religião, pela PUC-Minas. Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (2001). Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix (2014). Dedicou seus estudos às Ciências Feministas à Teologia Feminista e à Teologia Queer. Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas Feministas da PUC-Minas, GPFEM, e da Associação Brasileira de História das Religiões, ABHR.

power, content and symbology that excluded or diminished the involvement of women in the world of science. Furthermore, it proposes the overcoming of dualisms and patriarchal hierarchies, looking for new theoretical and methodological approaches for questions and themes that come to the surface from the lifeworld and the religious experiences of women. This paper aims to identify in the Feminist Theological the foundations of feminist hermeneutics from a theological perspective, as an attempt to present the methodology for interpreting religions.

Keywords: Feminist Epistemology, Gender, Feminist Hermeneutics, Feminist Theology.

Introdução

Para compreensão da religião em uma perspectiva feminista, é importante levar-se em conta as práticas de resistência das mulheres diante das tradições patriarcais, que marcam a experiência religiosa. Segundo Rosado-Nunes (2006, p. 294), “as religiões [...] sofreram [...] os impactos do feminismo, seja como movimento, seja como pensamento”. No que diz respeito ao feminismo e seu impacto na teologia cristã, a autora explica que “é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres que o Feminismo atua, de início, no campo religioso” (ROSADO-NUNES, 2001: 81).

A relevância do estudo da Teologia Feminista, segundo Rosado-Nunes (2001), dá-se pelo fato de que a teologia elaborada por mulheres já alcançou um estatuto próprio.

Pode-se observar que a produção [...] no campo teológico feminista, além de surpreender pela quantidade de obras publicadas, destaca-se ainda por haver alcançado um grau elevado de institucionalização e respeitabilidade nos meios acadêmicos. Há espaços internacionais organizados de interlocução dessas teólogas, em todos os níveis e áreas geográficas e culturais (ROSADO-NUNES, 2001: 85).

Devido à complexidade do tema e das relações que se estabelecem a partir dele, é possível buscar aportes que colaborem com o estudo dos fenômenos religiosos em uma perspectiva feminista, tomando-se em consideração a vida das mulheres e a concretude de suas experiências religiosas. Para tanto, buscar-se-á, neste artigo, apresentar, além da categoria analítica de gênero, o conceito de patriarcado, tão explorado pela Teologia Feminista. Além dele, será trabalhada a questão da hermenêutica, ou seja, do método de pesquisa da Teologia Feminista, buscando nele os aportes que colaborem para o estudo das religiões.

1. A crítica feminista ao patriarcado

Segundo Ivone Gebara (2010) “o feminismo teológico convida a pensar de novo as próprias práticas e a situá-las a partir das necessidades dos diferentes grupos e dos diferentes tempos” (GEBARA, 2010). Neste sentido, Benedita Aguiar Ferreira e José Vaz Magalhães Neto (2010) explicam que o discurso das teólogas feministas emerge como lugar de novas experiências de vida, provocando mudanças na linguagem religiosa e na prática de algumas igrejas cristãs.

A Teologia Feminista nasce nesse ambiente novo, de fervor teológico que vem criticar o passado e o presente da Igreja patriarcal ao mesmo tempo em que cria possibilidades de um diálogo ecumênico e colabora para recuperar a participação feminina na construção de uma teologia de libertação para todos. (FERREIRA; VAZ, 2010: 1).

Um percurso histórico sobre a Teologia Feminista na América Latina revela que, em muito, ela aproxima-se da Teologia da Libertação. Entretanto a aproximação histórica não a categoriza como parte, ou “filha” da Teologia da Libertação. Ao contrário, a Teologia Feminista não depende do cabedal da Teologia da Libertação. Suscita-se então a dúvida sobre em que medida as duas teologias afastam-se. Pretende-se encontrar uma possível resposta em um debate sobre a teologia proposta pelo feminismo de ruptura com o patriarcalismo.

A Teologia Feminista Cristã latino-americana propõe um afastamento epistemológico e hermenêutico da Teologia da Libertação. Quanto mais a Teologia Feminista aproxima-se das abordagens feministas, mais ela se distancia da Teologia da Libertação (ROSADO-NUNES, 2006)².

Ao aproximar-se das abordagens feministas, a Teologia Feminista requer ser uma teologia contextual de gênero que se distancie de uma teologia branca, ocidental, antropocêntrica e androcêntrica. Nesse sentido as teorias feministas têm uma contribuição fundamental para a Teologia Feminista ao incluírem o mundo da vida e da religião das mulheres.

A maior contribuição para a Teologia Feminista brasileira vem certamente do movimento feminista, [...] quando essa teologia acompanha as questões quotidianas das mulheres, produz uma ruptura que a afasta do pensamento institucional e a separa também da Teologia da Libertação, que é ainda patriarcal e está repleta de imagens masculinas de Deus (ROSADO-NUNES, 2006: 295).

É sobre essa ruptura proposta em relação à Teologia da Libertação que se instaura uma das grandes viradas teológicas da Teologia Feminista. Gebara (2006) explica que o clamor da Teologia da Libertação por justiça social não incluía justiça e igualdade de gênero. “[...] A Teologia da Libertação permaneceu encerrada em um ideário abstrato, não enfrentando a realidade colocada pela concretude da corporeidade e do sexo” (GEBARA in ROSADO-NUNES, 2006: 296). Consuelo Vélez (2013) confirma essa perspectiva, ao afirmar que essa ruptura passa pela

² As críticas que a Teologia Feminista faz à Teologia da Libertação perpassam a visão que essa tem, por exemplo, do pobre, um pobre “sem corpo”, representado por uma figura masculina. Um livro essencial para essa discussão é TAMEZ, Elsa (Org.). **Teólogos da Libertação falam sobre mulher**. São Paulo: Loyola, 1988.

consciência de que a opressão sociopolítica não era suficiente para pensar a igualdade de gênero.

Gebara (2006) destaca que “a Teologia Feminista, sem dúvida, inspirou-se na Teologia da Libertação em muitos aspectos [...], porém, dados os diferentes temas que trabalha e as alianças com o movimento feminista, ela tem se afastado da ortodoxia da Teologia da Libertação” (GEBARA in ROSADO-NUNES, 2006: 300). Gebara (2000) aponta para uma “outra lógica”, a partir de uma cosmovisão diferente da Teologia da Libertação.

O que está em questão é uma estrutura de pensamento, uma organização do sentido da vida a partir de uma cosmovisão e de uma antropologia que guardam sua lógica interna e seu valor, apesar de seus limites para hoje. Mas é saindo desta lógica que uma ‘outra’ lógica tenta afirmar-se, uma outra lógica que pretende que as mulheres sejam, como um todo artífices de sua vida e da vida social (GEBARA, 2000: 221).

Essa “outra lógica” apontada por Gebara (2000) compreende a mulher como agente em sua experiência religiosa. Vélez (2013) assevera que “a realidade sociopolítica e econômica que marcou a teologia da libertação manteve ‘invisibilizada’ a realidade da mulher até a década posterior” (VÉLEZ, 2013: 1801, tradução nossa) ³. Nesse sentido, o estudo do fenômeno religioso em uma perspectiva feminista pressupõe a visibilização das mulheres em meio à religião.

Rompendo com a Teologia da Libertação, em um contexto latino-americano, a Teologia Feminista trabalha com o conceito de *patriarcado*, que permeia as discussões feministas não apenas no ambiente teológico, como também político e epistemológico.

Etimologicamente, patriarcado tem origem no latim *pater familias*, ou seja, o poder do pai sobre seus filhos e filhas e sobre os demais membros do clã ou da casa (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009). Segundo Luise Schottroff, Silvia Schroer e Marie-Theres Wacker (2008), é um termo jurídico, que afirma o domínio do homem sobre sua casa, apontando para dependência jurídica, política e econômica de mulheres, crianças e pessoas não-livres. Ou seja, patriarcado, em princípio, não está relacionado somente com as relações entre homens e mulheres, mas com relações de subordinação que se estabelecem por questões de gênero, raça, etnia ou condição social.

Ao lançarem mão do conceito de patriarcado, esse é ressignificado pelas mulheres para esboçar o conjunto de forças que se opõem à realização das

³ [...] la urgencia de la realidad sociopolítica y económica que marcó la teología de la liberación mantuvo “invisibilizada” la realidad de la mujer hasta una década posterior.

mulheres em sua plena humanidade. Sendo assim, patriarcado é um termo de luta (SCHOTTROFF; SCHROER; WACKER, 2008).

Marcia Blasi explica que “teorias e dogmas foram criados sem levar em conta a experiência das mulheres nem o dano que o patriarcalismo causou às suas vidas” (BLASI, 2014: 232). O gênero, como categoria de análise, por meio das abordagens feministas, busca recontar a histórias das mulheres, sob o viés da opressão patriarcal. Por isso, a importância da perspectiva de gênero ao se tratar sobre o patriarcado, pois o uso do gênero como categoria de análise busca desmascarar as estruturas patriarcais presentes nas religiões.

Para Elisabeth Schüssler Fiorenza (2009: 132), “o homem é o ser humano paradigmático que é o centro das sociedades, culturas e religiões androcêntricas; a mulher é o Outro”. A autora explica que

o patriarcado constrói relações estruturais e institucionais de dominação. [...] Desenvolve-se esse conceito como instrumento para identificar e desafiar as estruturas sociais e ideológicas que permitiram aos homens dominar e explorar as mulheres ao longo de toda a história registrada. (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 133).

Tomado o conceito de patriarcado em uma perspectiva de hermenêutica teológica feminista, o termo está para além de uma referência à estrutura familiar concreta no Israel bíblico, pois aponta também para a própria figura de Deus. Assim,

patriarcalismo é usado para indicar a existência de um sistema que utiliza a dominação dos homens sobre as mulheres em vista a perpetuar-se. A figura masculina representada pelo Pai se torna o princípio, a “archê” da organização e da compreensão do mundo. (GEBARA, 2000: 38).

A hermenêutica feminista suspeita dos padrões naturalizados. O que a tradição naturaliza, a hermenêutica feminista coloca *sub judice*, procurando sempre trazer à tona as relações de poder que se estabelecem no âmbito considerado como natural. Busca, assim, enxergar e valorizar a diversidade que não se encontra no espectro naturalizado.

O patriarcado, quando questionado, colabora com essa percepção do lugar social das mulheres e das interfaces que as atravessam. Schottroff, Schroer e Wacker (2008) afirmam que exegetas usam o conceito de patriarcado nesse sentido de suspeitar do naturalizado e do universalizado. Nesse sentido, a perspectiva de patriarcado é valiosa para o estudo das religiões, pois busca perceber o lugar social das mulheres, não encarando a religião como algo dado, naturalizado e universalizado.

No âmbito do estudo do fenômeno religioso, o conceito de patriarcado torna-se uma ferramenta de reflexão para o uso da categoria analítica de gênero. Tomar-se em consideração o patriarcado implica em levantar questões e buscar desmascarar as relações de dominações presentes e legitimadas pela religião.

2. A metodologia da Teologia Feminista

A Teologia Feminista como “perspectiva analítica, tomando o gênero como categoria de análise, permite compreender como as relações cortam transversalmente todas as classes e questões sociais” (ROSADO-NUNES, 2006: 297). A perspectiva analítica de gênero utiliza-se do método da desconstrução das ideologias patriarcais.

Este método tem sido muito importante para mostrar que a maioria dos ensinamentos cristãos foram baseados em uma perspectiva patriarcal, onde os homens têm todo o poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou terceiro lugar nas igrejas e no lar. Assim, foi imposta a ideia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários, a filiação divina única de Jesus, um varão, o conceito de masculinidade presente nas três pessoas da Trindade Divina, a ideia da virgindade de Maria de Nazaré e várias outras ideologias sexistas. (TOMITA, 2010: 3).

A Teologia Feminista coloca “um ponto de interrogação em todas as afirmações teológicas que se apresentaram como únicas” (BENCKE; MOTA, 2012: 23). Uma hermenêutica teológica feminista leva em consideração a questão da linguagem como campo propício para a postura crítica e radical da Teologia Feminista. Como ajuíza Gebara (2007: 12),

a linguagem nas culturas monoteístas é prioritariamente masculina, ou seja, a cultura expressa Deus partindo do gênero masculino. [...] Por isso se costuma dizer que as sociedades monoteístas patriarcais repousam sobre um monoteísmo masculino que torna difícil a introdução de elementos simbólicos mais inclusivos que façam justiça ao feminino e à diversidade de expressões da vida.

Para além da questão da linguagem, Anete Roese (2010 b) explica que a perspectiva metodológica da Teologia Feminista propõe a investigação crítica da imagem de Deus que os textos sagrados apresentam. Assim, linguagem e imagem são alvos da crítica feminista, que não os reconhece como naturais, mas patriarcalmente construídos.

O estudo do fenômeno religioso a partir das abordagens feministas procura ressignificar a questão linguística, buscando distanciar-se dos binarismos excludentes. Não somente a linguagem, como outros temas são desconstruídos e reconstruídos pela Teologia Feminista. Como, por exemplo, o corpo, que se apresenta como principal mote das discussões da Teologia Feminista.

Na prática, as teólogas feministas, como Gebara (in ROSADO-NUNES, 2006: 296), “desenvolvem uma reflexão crítica sobre a apropriação religiosa dos corpos e da sexualidade das mulheres”. Em conformidade, Gebara (2010) afirma que uma das batalhas atuais importantes das teólogas feministas na América Latina é em relação ao poder religioso que domina os corpos femininos. Sendo assim, o corpo, a corporeidade, a sexualidade são importantes temáticas para os estudos das religiões em uma perspectiva feminista.

Roese (2010 b) explica que a Teologia Feminista valoriza a importância de se levar em consideração a existência de diferenças que marcadamente influenciam na hermenêutica bíblica.

A Teologia Feminista compreende que as diferentes condições e contextos humanos, as diferentes situações e circunstâncias humanas determinam diferentes mensagens e sentidos para a compreensão do texto. A pergunta, neste caso, é: a quem interessa ou a quem favorece determinada interpretação e determinado ponto de vista? Neste caso, a ética se coloca como uma questão epistemológica importante para a pesquisa (ROESE, 2010 b: 187).

A pergunta “a quem interessa ou a quem favorece determinada interpretação e determinado ponto de vista?” (ROESE, 2010 b) é fundamental para o estudo das religiões em uma perspectiva feminista. A busca pelas relações de poder que se estabelecem entre os gêneros, não apenas no texto sagrado, como também nas práticas religiosas, é de valiosa importância, pois intenta revelar o que está por detrás das práticas institucionalizadas.

A hermenêutica bíblica feminista propõe a releitura de textos bíblicos, anteriormente interpretados de forma unilateral, com o intuito de recuperar a história, a memória, autoridade e o poder das mulheres (ROESE, 2010 a) e, também, tem o intuito de explicitar e desconstruir paradigmas, de explicitar as relações de dominação e submissão presentes no texto.

Segundo Gebara (2000: 29), “a perspectiva feminista se propõe a abrir um caminho de reflexão neste meio doméstico, meio das relações entre homens e mulheres, meio da história privada, meio de hierarquias e de exclusões não confessadas”. A fim de conhecer essas histórias que partem da vida privada, Gebara lança mão da categoria analítica de gênero. Para a autora, o conceito de gênero não é apenas um instrumento de análise, “mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença” (GEBARA, 2000: 105).

O uso da categoria de gênero aponta para uma questão “teopolítica”, ou seja, a questão das consequências históricas induzidas pelos discursos teológicos patriarcais (GEBARA 2000). “Nesta perspectiva, o gênero não é um tema suplementar oferecido à reflexão teológica, mas antes uma modificação significativa que se introduz na estrutura antropológica e epistemológica do pensamento teológico” (GEBARA, 2000: 109). Nesse mesmo sentido, o gênero como categoria analítica influencia a hermenêutica feminista propondo modificações e rupturas.

Sendo assim, o uso de gênero em uma perspectiva hermenêutica busca a saída do discurso masculino e a ampliação da concepção do masculino e feminino pois, segundo Gebara (2000), as teologias foram cúmplices de uma visão que manteve e acentuou a inferioridade das mulheres.

Frequentemente, o fato de ver nos textos bíblicos, por assim dizer, uma diferença de natureza entre o ser da mulher e o ser do homem, já revela o quanto a cultura é marcada por este modo de considerar as mulheres como seres de segunda categoria. O dualismo hierárquico que serve de fundamento ao reino dos senhores e dos escravos é a lupa que permitiu interpretar certos textos bíblicos que favoreceram, sem dúvida, a exclusão das mulheres (GEBARA, 2000: 32).

Nesse contexto de exclusão das mulheres, a hermenêutica feminista é uma opção metodológica que tem como cerne a afirmação de que mulheres são seres humanos com direito à dignidade e à vida em abundância (BLASI, 2014). A Teologia Feminista lança mão dos aportes do feminismo em suas discussões mais profundas e na busca pela transformação social.

Metodologicamente, a contribuição feminista para a hermenêutica bíblica encontra-se na suspeita. Para Gebara, essa suspeita é “a desconfiança e a dúvida em relação às afirmações tomadas como verdades absolutas em relação aos seres humanos e ao mundo. [...] Por isso, a suspeita, como método hermenêutico, atingiu a teologia em diferentes níveis” (GEBARA, 2007: 33). A chamada “hermenêutica da suspeita” permeia as “revisões das interpretações existentes dos textos sagrados e a proposição de novas interpretações” (ROSADO-NUNES, 2006: 294).

Segundo Roesse (2010 b), no campo hermenêutico, a suspeita pergunta pelos autores e pelos intérpretes dos textos e das relações. É o que referenda Gebara ao explicar que “as leituras feministas da Bíblia vão introduzir uma suspeita não apenas quanto à composição ou à redação dos textos, mas principalmente quanto à sua interpretação no curso dos séculos” (GEBARA, 2000: 32).

O objetivo de se levantarem suspeitas não é a crítica pela crítica, mas sim o estabelecimento de relações mais respeitadas entre mulheres e homens (GEBARA,

2000). Por isso, colocar sob suspeita o patriarcado não é querer substituí-lo pelo matriarcado. Como explica Munhoz (2008: 33),

mesmo sendo, tanto na teoria quanto na prática, uma resposta política ao kyriarcado, o feminismo não pretende substituí-lo por um suposto matriarcado. Não visa excluir os homens, mas incluir as mulheres e todas as pessoas e grupos excluídos, bem como defender o direito de todas as criaturas à plenitude da vida.

Gebara (1997) explica que a hermenêutica é uma chave de compreensão não somente dos textos sagrados, mas do próprio ser humano, e, por isso, é um importante passo para encontrar pistas de compreensão da estrutura do conhecimento religioso institucionalizado. Conhecimento religioso, porque Gebara deixa claro que parte do seu próprio campo de saber, o religioso, o teológico.

Roese (2010 b) explica o processo hermenêutico da Teologia Feminista como sendo

um processo dinâmico, criativo e imaginativo que está involucrado com a própria vida pulsante no cotidiano. A reinterpretação – a releitura – é um exercício visionário de criação de alternativas a cosmovisões anteriores ou atuais. Re-imaginar a imagem de Deus é abrir a escuta para os silêncios da história, é abrir os olhos para o mapeamento de vestígios para que as cartografias da vida tenham muitos outros caminhos, bosques, árvores e sombras para refresco (ROESE, 2010 b: 189).

Esse processo explicado por Roese (2010 b) revela que, assim como a crítica feminista, a hermenêutica feminista, também, não tem apenas pretensões de destruição ou de crítica pela crítica. A hermenêutica feminista procura reconstruir, propor outros caminhos e possibilidades de interpretação.

Ainda com relação à crítica feminista, Rosado-Nunes (2001) explica que a hermenêutica teológica feminista é marcada pela crítica aos conteúdos tradicionais da fé:

o monoteísmo, a imagem masculina da divindade, a figura submissa e virginal de Maria, as interpretações sexistas dos textos sagrados [...]. Questiona-se a existência de uma só “verdade religiosa”, contida em uma religião única, salvadora e portadora de redenção (ROSADO-NUNES, 2001: 84).

A crítica feminista, em uma perspectiva de hermenêutica bíblica, propõe questionamentos, levanta dúvidas, suspeitas do que é tido como naturalizado. Investigar a religião a partir desse viés é propor questões que desestabilizem o dado, buscando o fenômeno, aquilo que se mostra, dando voz às mulheres outrora emudecidas pelos padrões patriarcais de religiosidade.

Schüssler Fiorenza, em seu livro *Caminhos da Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista* (2009), propõe um “quadro feminista libertador multidimensional” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 187) que permita que as

mulheres sejam sujeitos da interpretação e as agentes históricas de mudança. Segundo a autora, o objetivo desse quadro é o de fomentar a conscientização feminista crítica e a análise sistêmica ético-política. Por isso, o quadro hermenêutico bíblico feminista proposto por Schüssler Fiorenza (2009) é traçado em perspectivas críticas, éticas e políticas. Schüssler Fiorenza parte de uma hermenêutica textual para propor seu método. O convite que faz, entretanto, é que a hermenêutica seja aplicada nas relações que se estabelecem entre o texto e a vida cotidiana, ou seja, entre o texto e o *mundo da vida*.

Para traçar esse quadro, Schüssler Fiorenza (2009) alicerça-se em um paradigma nomeado por ela de “retórico-emancipatório” ou apenas “emancipatório”. Segundo ela, esse paradigma tem uma longa história de lutas político-radiciais pela emancipação. A autora assim explica o paradigma emancipatório:

este paradigma não está muito interessado em provas dogmáticas, edificação espiritual, fatos científicos ou sublimação cultural. Em vez disso, pesquisa as maneiras pelas quais textos bíblicos exercem influência e poder na vida social e religiosa. Nosso compromisso de mudar estruturas de dominação e valores de desumanização impele-nos a estudar como textos bíblicos funcionam em lugares sociais e contextos religiosos específicos. Ao trabalhar com esse paradigma aprendemos a investigar como a bíblia é usada para inculcar conjuntos de convicções e mentalidades, e também atitudes de submissão e de dependência como “obediência” à vontade de D**s que nos predispõe a aceitar e internalizar violência e preconceitos. (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 59).

O apresentado revela o caráter feminista crítico e situacional desse paradigma. A criticidade no sentido de questionar o naturalizado, e a situacionalidade no sentido de valorizar contextos religiosos específicos, ou seja, não universalizantes.

Segundo Schüssler Fiorenza (2009), esse paradigma busca “redefinir a autocompreensão da interpretação bíblica em termos éticos, retóricos, políticos, culturais e emancipatórios” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 59). Ao partirem desse paradigma, as mulheres engajam-se em um processo teórico de construção de si mesmas como sujeitos do conhecimento e da história.

Sobre o método de interpretação a partir do paradigma emancipatório, Schüssler Fiorenza (2009) explica que ele pergunta pelas relações de poder e por sua função em contextos contemporâneos. Uma abordagem emancipatória feminista busca tornar consciente quais são as relações de dominação e submissão que o texto defende.

O estudo do fenômeno religioso a partir do paradigma emancipatório busca compreender as relações de poder que se estabelecem no âmbito da religião. Além

disso, intenta perceber quais foram as atualizações propostas pela ação das mulheres como agentes da vida religiosa.

Essa pluralidade de perspectivas aportadas pelo paradigma emancipatório não apontam um “círculo hermenêutico” clássico, pois, como afirma Schüssler Fiorenza (2009, p. 189), “uma hermenêutica feminista crítica move-se em círculos que espiralam e em espirais que circulam”. Ou seja, a hermenêutica feminista não é dada, pronta, mas aberta a possibilidades diversas e a sujeitos e agentes também diversos.

A interpretação feminista da bíblia avança movendo-se em espirais e círculos; não pode ser resolvida de uma vez por todas, mas, em cada situação diferente, precisa ser repetida de forma diferente e em perspectivas diferentes. É fascinante, porque em cada nova leitura de textos bíblicos emerge um sentido diferente. Ao desconstruir a retórica e a política kyriarcal de desigualdade e subordinação inscritas na bíblia, as intérpretes feministas são capazes de gerar elaborações sempre novas de identidades religiosas e práticas emancipatórias radicalmente democráticas. Este processo emancipatório de interpretação bíblica tem como seu duplo ponto de referência o presente contemporâneo de quem interpreta e o passado bíblico (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 189).

Os círculos que espiralam apontam para a pluralidade de possibilidades que o paradigma emancipatório suscita. Nesse sentido, Schüssler Fiorenza (2009) propõe “sete movimentos ou estratégias hermenêuticas de interpretação”. Segundo a autora, esses “giros hermenêuticos” devem ser compreendidos como passos interpretativos – ou movimentos hermenêuticos – que interagem entre si simultaneamente no processo de criar sentido.

Importante destacar que a autora explica que compreende os textos religiosos como textos retóricos, ou seja, não os nega, mas os reconhece como “textos produzidos nos e por debates históricos e lutas concretas” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 190).

Os textos religiosos, caros ao estudo da religião, em uma perspectiva feminista, são relidos e, assim, reconhecidos em uma perspectiva que aponta para o passado em que foram escritos e o presente no qual são lidos por outros agentes religiosos.

Este tipo de interpretação feminista da bíblia engaja-se em um processo retórico emancipatório que defende a integridade e indivisibilidade de discursos interpretativos, bem como a prioridade do contemporâneo como ponto de partida da interpretação feminista. Para este fim, envolve-se numa dança hermenêutica de desconstrução e reconstrução, de crítica e recuperação que acontece tanto no nível do texto como da interpretação. Assim procura superar as cisões hermenêuticas entre sentido e significado, explicação e compreensão, crítica e consentimento, distanciamento e empatia, entre a leitura daquilo que há “por trás” do texto e daquilo que há “na frente” dele, entre presente e passado,

interpretação e aplicação, realismo e imaginação (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 191).

Esses giros hermenêuticos propostos pela autora não somente colaboram com o estudo dos textos religiosos, mas também com a compreensão das relações que se estabelecem entre as mulheres e os textos sagrados e ainda com as experiências, situações e fenômenos espirituais. Essas perspectivas hermenêuticas, elencadas a partir do paradigma emancipatório, são ferramentas práticas para o estudo das religiões em uma perspectiva feminista.

Schüssler Fiorenza (2009) propõe as seguintes estratégias de hermenêuticas de interpretação: hermenêutica da experiência; hermenêutica da dominação e do lugar social; hermenêutica da suspeita; hermenêutica da avaliação crítica; hermenêutica da imaginação criativa; hermenêutica da relembração e da reconstrução; hermenêutica da ação transformadora pela mudança.

A *hermenêutica da experiência* recorre à experiência como categoria e norma central para a leitura bíblica. Segundo Schüssler Fiorenza (2009), as estudiosas feministas procuram escutar e pesquisar experiências de opressão e de libertação de mulheres. No caso da hermenêutica bíblica, não somente a experiência da mulher leitora é valorizada, mas também se procura compreender a experiência das mulheres bíblicas. Sobre o conceito “experiência de mulheres”, Schüssler Fiorenza explica que ele não deve ser compreendido em termos essencialistas universalistas, pois “o gênero é sempre influenciado por raça, cultura, classe social, idade e etnia” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 192). Mesmo no âmbito da religião, quando a experiência comum às mulheres tem sido a experiência histórica de exclusão e silenciamento por causa do gênero, não se pode falar em uma mulher universal.

Em resumo, uma análise feminista crítica, ético-política e retórico-emancipatória não inicia simplesmente com uma experiência individualizada e privatizada, mas com uma reflexão crítica sobre como a experiência com o texto bíblico é condicionada por nosso lugar sociopolítico. [...] Uma hermenêutica da experiência problematiza os lugares sociorreligiosos e intelectuais não só de quem interpreta a bíblia, mas também dos próprios textos bíblicos, e faz isso em relação às lutas globais por sobrevivência e em relação ao bem-estar (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 193).

As perguntas que essa estratégia hermenêutica levanta dizem respeito às experiências aparentes e àquelas silenciadas pelo caráter normatizador da religião. O estudo das religiões a partir dessa perspectiva hermenêutica propõe a experiência como ponto de partida.

A hermenêutica da experiência dá voz às experiências singulares. Aqui está uma valiosa contribuição – a compreensão do fenômeno religioso a partir do estudo

das experiências vividas. Não uma experiência universalizante, mas sim uma experiência percebida apesar da determinação do padrão cultural-religioso.

A *hermenêutica da dominação e do lugar social* emprega a análise da dominação, ou seja, reflete sobre como o lugar social, cultural e religioso das mulheres moldaram sua experiência e sua reação acerca de um texto ou uma história da bíblia. Segundo Schüssler Fiorenza (2009), a análise feminista crítica da dominação busca identificar as situações contemporâneas de dominação e também as inscritas nos textos bíblicos. Nesse sentido, deve-se perguntar primeiramente sobre as categorias grupais às quais a mulher pertence. Por exemplo, é negra, branca, estadunidense, latino-americana etc. O “status grupal funciona como ponto nodal em relação às posições subjetivas estruturais dentro das quais você nasceu e nas quais todo mundo está implicado” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 195). Em uma perspectiva de estudo das religiões, a cientista feminista da religião, deve, a princípio, perguntar sobre seu próprio lugar social e sobre os grupos dos quais faz parte. Além disso, uma hermenêutica do lugar social reflete criticamente sobre o lugar social da mulher a ser estudada.

Uma hermenêutica da dominação nos permite refletir criticamente sobre o modo pelo qual relações de dominação operam como categorias e faixas de identidade socialmente atribuídas e como uma gama de opções dentro dessas faixas de identidade grupal que mulh*res⁴ individuais podem escolher para construir sua identidade singular como indivíduos. Também permite examinar como agimos em situações específicas como pessoas individuais, como negociamos nossa experiência vivida e como acessamos um saber cultural como, por exemplo, a bíblia para construir expressões individuais do nosso Eu dentro de categorias socialmente definidas. Ajuda a pesquisar como essas diferentes expressões de auto-identidade e identidade grupal operam tanto no processo da interpretação como no processo da formação de um texto (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 197).

Assim, essa estratégia hermenêutica constrói-se como uma importante ferramenta para o estudo das religiões em uma perspectiva feminista, perguntando pelos lugares sociais, pelas relações de dominação que se estabelecem nas religiões e nas vivências religiosas.

A *hermenêutica da suspeita* proposta por Schüssler Fiorenza (2009) é contrária à apreciação e ao consentimento comumente requerido à leitura das escrituras. Os textos sagrados não são considerados a partir de uma pretensa autoridade divina, mas sim são analisados em relação às funções ideológicas que desempenham no interesse da dominação. A preocupação desse instrumental

⁴ Fiorenza opta por escrever “wo/men” para diferenciar as mulheres que, conscientes do sistema patriarcal que as marcou, assumiram uma nova postura. Em português, *wo/men* foi traduzido como mulh*res (FIORENZA, 2009).

hermenêutico está em perceber as maneiras “distorcidas” pelas quais as presenças e práticas das mulheres estão construídas e representadas. Busca-se pelas funções ideológicas dos textos e de suas interpretações. Segundo Schüssler Fiorenza (2009), a hermenêutica da suspeita analisa criticamente as estratégias dominantes da produção de sentido.

A melhor maneira de entender a hermenêutica da suspeita é como uma prática desconstrutiva de pesquisa que desnaturaliza e desmistifica as práticas linguístico-culturais de dominação, e não como a remoção, camada por camada, de sedimentos culturais que esconderiam ou reprimiriam uma “verdade mais profunda” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 198).

Fundamental para o estudo das religiões por um viés feminista é o uso da hermenêutica da suspeita como método. Suspeitar do conceitualmente dado, do naturalizado, do universal, das relações de gênero é o caminho proposto pelas abordagens feministas. Nessa perspectiva, para a análise das religiões implica em uma análise crítica das estratégias dominantes da produção de sentido.

A *hermenêutica da avaliação crítica* é mais uma das estratégias hermenêuticas de interpretação propostas por Schüssler Fiorenza (2009). Também nomeada de *hermenêutica da avaliação ética e teológica*, procura avaliar a retórica dos textos e das tradições em termos de uma escala de valores libertadores feministas. A hermenêutica da avaliação procura julgar as tendências opressoras e as possibilidades libertadoras inscritas em textos bíblicos. É preciso ressaltar que os textos e as tradições não são julgados de maneira dualista – opressores ou emancipatórios. O julgamento do texto, por exemplo, é feito a cada vez que lido e de acordo com situações concretas. A pergunta-chave dessa hermenêutica é: “o que faz o texto, o discurso, a tradição, àquelas pessoas que se submetem ao seu mundo de visões e valores?” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 200). Essa hermenêutica “avalia em que medida um texto codifica e reforça estruturas de opressão e em que medida elabora valores e visões que propiciam a libertação” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 200). Nesse sentido, o estudo das religiões apoderando-se dessa estratégia hermenêutica ganha em criticidade, pois busca perceber a opressão e a libertação das práticas e da vida religiosa.

A *hermenêutica da imaginação criativa* “procura gerar visões utópicas ainda não realizadas, ‘sonhar’ com um mundo diferente de justiça e bem-estar” (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 201). É um espaço para conexão das mulheres de hoje com as mulheres do passado através da imaginação histórica, preenchendo vazios e silêncios e criando novos sentidos.

Para o estudo do fenômeno religioso, essa hermenêutica feminista da imaginação aproxima a ciência à imaginação.

Geralmente pensamos que o poder da imaginação se encarna na arte, música, literatura e dança, mas não na ciência, pois geralmente supomos que a ciência trabalha só com argumentos dedutivos, racionais, lógicos. Esta suposição, porém, é incorreta, porque a ciência trabalha sempre com hipóteses e modelos que dependem de uma imaginação informada. A imaginação explora o subconsciente como um armazém de sentimentos e experiências, e também como um depósito de práticas e códigos do “senso comum”. Esses pressupostos subconscientes determinam o pensamento científico e decidem sobre como lemos textos, reconstruímos a história e imaginamos o passado (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009: 203).

Essa aproximação entre ciência e imaginação contribui com o cientista feminista da religião no sentido de não separá-lo de seu objeto de estudo, mas, pelo contrário, de aproximá-lo, propondo perguntas, suscitando hipóteses e produzindo sentidos. Colabora, também, em como a religião é interpretada, analisada e compreendida na contemporaneidade.

A *hermenêutica da lembrança e da reconstrução*, por sua vez, questiona a distância que o positivismo histórico construiu entre o leitor contemporâneo e o texto bíblico. Baseia-se na recontextualização do texto em um modelo de reconstrução sociopolítico-religiosa, recuperando a história religiosa de mulheres, suas lutas e suas conquistas. Schüssler Fiorenza (2009), não ignorando o caráter retórico dessas reconstruções, explica que o trabalho de lembrança histórica é necessário para apoiar as lutas das mulheres por sobrevivência e transformação.

Um método retórico e histórico de reconstrução crítica não entende textos como janelas para o mundo ou espelhos do passado; não lê fontes históricas como dados e evidências objetivas que indicam como as coisas realmente eram. Tampouco entende a historiografia como transcrição e relato daquilo que “realmente aconteceu” ou confunde seus modelos científicos de reconstrução com descrições da realidade. Ao contrário, sempre está consciente de que todas as três fases da historiografia – pesquisa nos documentos, explicação, redação – precisam estar enraizadas numa hermenêutica da suspeita, da avaliação crítica e da imaginação histórica (SCHÜSSLER FIORENZA, 2009, p. 206).

Nesse sentido, o estudo das religiões, em uma perspectiva historiográfica, substitui os modelos andro-kyriocêntricos da construção do mundo e reconstrói as histórias das mulheres. Não percebe a história como algo dado, mas como um campo propício à visitação e transformação, a partir de uma revisão da história das mulheres e de suas relações com a religião.

Finalmente, a sétima estratégia de interpretação é a *hermenêutica da ação transformadora pela mudança*. Segundo Schüssler Fiorenza (2009), o processo interpretativo crítico explora possibilidades de mudar e transformar relações de

dominação inscritas em textos, em tradições e na vida. Caminhar pelos seis passos hermenêuticos anteriormente descritos culminaria nessa ação transformadora.

São essas as sete estratégias hermenêuticas de interpretação propostas por Schüssler Fiorenza (2009). Seu instrumental metodológico é rico em contribuições para o estudo do fenômeno religioso a partir de uma perspectiva feminista.

3. Considerações finais

A Teologia Feminista não somente tem promovido discussões acerca da vida das mulheres e da sua relação com o religioso, como também tem atuado em frentes políticas de libertação. Todavia, é na valorização do mundo da vida que a Teologia Feminista tem suas maiores contribuições. Como explica Gebara (2007: 35), “propomos atualmente um outro ponto de partida para ensaiar outra compreensão de nós mesmas, um ponto de partida que tome em consideração nossa existência cotidiana sempre em relação com todos os seres vivos”.

Tomar em consideração esse outro “ponto de partida” é propor uma outra epistemologia, lançando aportes que contribuam para o estudo das religiões em uma perspectiva feminista. A presença das mulheres e a influência do feminismo como prática libertadora nas religiões suscitam perguntas sobre possíveis mudanças na prática e na tradição religiosa.

O método da desconstrução das ideologias patriarcais suscita perguntas e suspeitas diante do fenômeno religioso e se atenta ao corpo, à corporeidade e à experiência da mulher. O estudo do fenômeno religioso em uma perspectiva feminista pressupõe a visibilização das mulheres em meio a religião. Dando voz a essas mulheres, o estudo das religiões as compreende como agentes de sua própria história e religiosidade.

A Teologia Feminista contribui com um instrumental teórico que propõe revisão das posições de poder, conteúdos e simbologias que excluíram ou diminuíram as mulheres, considerando-as como cidadãs de segunda categoria. Tecendo sentidos, o estudo do fenômeno religioso em uma perspectiva feminista promove a superação dos dualismos e das hierarquias patriarcais, buscando novas respostas para as novas perguntas que a categoria analítica de gênero propõe. Exigindo, assim, uma visibilidade das mulheres na história das religiões, que corresponda à realidade dos fatos a partir da concretude da vida.

Referências Bibliográficas

BENCKE, Romi Márcia; MOTA, Sônia Gomes. **Ecumenismo e feminismo**: parcerias da casa comum. PVN 298. São Leopoldo: CEBI, 2012.

BLASI, Marcia. Aconselhamento pastoral em perspectiva feminista: princípios básicos. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). **Ainda feminismo e gênero**: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia. São Leopoldo: CEBI, 2014.

FERREIRA, Benedita Aguiar; VAZ, José Magalhães Neto. Teologia Feminista e os discursos de resistência ao poder hierárquico. In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. **Anais**. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278188110_ARQUIVO_Teologiafeministaeosdiscursosderesistenciaaopoderhierarquico.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia Feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. Entrevista. In: ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14 (1): 336, jan/abr, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100016&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jan. 2014.

GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, justiça e feminismos**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

MUNHOZ, Alzira. **Feminismo e evangelização**: uma abordagem histórico-teológica à luz do conceito de evangelização das diretrizes gerais da ação evangelizadora na igreja no Brasil. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Teologia Sistemática, Belo Horizonte.

ROESE, Anete. A abordagem feminista do cuidado espiritual e psicoterapêutico. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 288-305, jul./dez., 2010 (a) Disponível em: < http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewArticle/103>. Acesso em: 31 jan. 2015.

ROESE, Anete. O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, set./dez., 2010 (b). Disponível em: < <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1557>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

ROSADO-NUNES, Maria José F. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 16, p. 79-96, 2001. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2013.

ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia Feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14

(1): 336, jan/abr, 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100016&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jan. 2014.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese feminista**: resultado de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. **Caminhos da sabedoria**: uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

TOMITA, Luiza Etsuko. A Teologia Feminista libertadora: deslocamentos epistemológicos. In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. **Anais**. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278455084_ARQUIVO_FAZENDOGENERO.final.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.

VÉLEZ, Consuelo. *Teología feminista latinoamericana de la liberación: balance y futuro*. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1801-1812, out/dez 2013. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/6408>>. Acesso em: 15 jan. 2014.